



Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"

**Campus "José Santilli Sobrinho"**

**Coordenadoria de Direito**

**MARCELA RULFINI BARBOSA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM SUA FUNÇÃO SOCIAL: UMA PESQUISA  
ACERCA DA FORMAÇÃO DA CRIANÇA COMO LEITORA CRÍTICA**

**ASSIS**

**2013**

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS – FEMA**  
**INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE ASSIS – IMESA**  
**Campus “José Santilli Sobrinho”**  
**Coordenadoria de Direito**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM SUA FUNÇÃO SOCIAL: UMA PESQUISA**  
**ACERCA DA FORMAÇÃO DA CRIANÇA COMO LEITORA CRÍTICA**

Trabalho apresentado ao Programa de Iniciação Científica (PIC) do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e à Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA.

**Orientanda:** Marcela Rulfini Barbosa.

**Orientadora:** Professora Doutora Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira.

**Área de Concentração:** Ciências Sociais e Aplicadas

**ASSIS**  
**2013**

## Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre o papel social da Comunicação na formação da criança como leitora crítica. Para tanto, por meio de oficinas de leitura, faremos contações de histórias infantis para as crianças da escola EMEF “Lucas Thomas Menk”, durante o período diurno. Neste espaço escolar, a pesquisadora já atua como estagiária do município. Justifica-se, então, a sua eleição pela facilidade do desenvolvimento do trabalho e pela prévia aprovação da direção a este Projeto que ora se apresenta. Utilizaremos, nas oficinas, textos ilustrados, sobretudo, de poesias, contos de fadas, crônicas e fábulas. Pretendemos investigar a recepção desses textos tanto em sua realização verbal, como não verbal. A partir do estudo de cores, molduras, perspectivas, luz e enquadramento, estudaremos teoricamente o que vem a ser uma ilustração, bem como se instauram seus efeitos de sentido quando associadas a um texto verbal. Em um desdobramento de nossa pesquisa, focaremos, mais especificamente, a recepção de três livros distribuídos gratuitamente pelo Itaú Cultural: *Lino*, de André Neves; *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Don e Audrey Wood; e *Poesia na Varanda*, de Sonia Junqueira. Na ocasião, verificaremos se as crianças apreciam essas obras disponibilizadas pelo Itaú, ainda, se pela sua leitura ampliam seus horizontes de expectativa. Voltando-nos para os princípios da Publicidade, faremos uma pesquisa sobre o Itaú Cultural, bem como sua política de leitura e distribuição de obras infantis.

**Palavras-chave:** Itaú Cultural. Literatura. Formação do Leitor. Contação de histórias.

## Abstract

This paper aims to reflect about the social role of Communication in children's formation as critical readers. So that, by reading workshops, we will tell students from the school EMEF "Lucas Thomas Menk" stories for children, during the day. In such school place, the researcher already acts as an intern of the town. This justifies, so, her election by the facility of developing the work and the principal's previous approval of this project. We will use illustrated texts, mostly, poems, fairy tales, chronics and fables in the workshops. We intend to investigate the reception of these texts by the students, verbally or non-verbally. By the study of colors, frames, perspective, light and framework, we will study the theory of illustration, and how they establish its meaning effects when they are associated to a verbal text, as well. In the development of our research, we will focus, more specifically, the reception of three books distributed for free by "Itaú Cultural": André Neves' Lino, *The Little Mouse, the Red Ripe Strawberry, and the Big Hungry Bear* by Don e Audrey Wood and *Poesia na Varanda*, by Sonia Junqueira. On the occasion, we will verify if the children appreciate these books available by Itaú, and if by reading they amplify their horizon of expectations. Focusing on the principles of publicity, we will make a research about "Itaú Cultural" and also about its reading politics and distribution of children's books.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo 1: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUESTÃO</b>	
1. A contação de histórias .....	14
2. A contação de histórias como necessidade .....	17
3. O Itaú Cultural .....	18
4. Os interesses literários .....	19
<b>Capítulo 2: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ESCOLA</b>	
1. A recepção de obras com as crianças .....	25
2. O trabalho com o acervo do Itaú Cultural .....	29
2.1 Itaú Criança .....	31
<b>Conclusão .....</b>	<b>35</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>37</b>

## Introdução

O interesse pelo tema formação do leitor, por meio da Comunicação Social, surgiu a partir do momento em que comecei a trabalhar, em 2011, na educação fundamental, mais especificamente na escola EMEF “Lucas Thomas Menk”. Durante o período de experiência, procurei entender como eu poderia despertar nas crianças o prazer pela leitura e, assim, formar leitores.

Todos ficam atentos ao ouvir uma história de muitas fantasias e ter a senha que dá acesso ilimitado a este mundo fantástico, podendo entrar quando quiserem e, assim, através da leitura ser um rei ou bruxo malvado, um príncipe encantado ou um gigante sem coração ou ser uma camponesa e poder conviver com criaturas encantadoras, antes nunca imaginadas. Porém, mesmo isto estando tão evidente, as práticas escolares passam longe desse fascínio e as aulas de leitura, são detestadas pelos alunos. Ao chegar à escola, o professor revela-se, muitas vezes, preocupado com as inúmeras competências que tem que desenvolver e fazendo uso do seu conhecimento didático-pedagógico escolariza os textos, fragmentando, mesmo que inconscientemente, a competência dos alunos de lê-los.

Muitos alunos não se sentem estimulados a conhecer as obras que se localizam na biblioteca da sua escola e quando o professor faz um trabalho pensando em desenvolver o hábito pela leitura, a família pouco se interessa em ouvir um texto novo que o aluno aprendeu na escola. Desconsidera-se o potencial prazeroso do contar histórias e ouvi-las. Desse modo, o aprendizado passa a ser um fator desestimulante na relação entre a criança e o mundo literário, pois ela não sente que aquilo que demorou para aprimorar e gerou tantas expectativas foi valorizado. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu capítulo III, Seção I, Art.22: “Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais.”.

Acredita-se, neste Projeto, que proporcionar momentos de interação entre toda a comunidade escolar, em um esforço conjunto para o desenvolvimento das práticas sociais de leitura é possível e necessário. Justamente, é isto que buscamos realizar, ao oferecer, por meio de oficinas, momentos de leitura descontraídos,

visando a aproximar o ensino da leitura da realidade possível da criança, com a participação de toda a comunidade. Assim, ao longo deste trabalho buscaremos, nas atividades de leitura, rir, tecer e ouvir comentários e opiniões, recomendar algo interessante que ler na tentativa de cativar as crianças.

Pelo exposto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a importância do contar histórias, visando à formação de leitores, de modo a superar o domínio técnico da leitura e despertar-lhes o espírito crítico. Pretende-se, ainda, provocar o olhar crítico da criança, por meio de indagações e reflexões voltadas tanto ao texto verbal, quanto ao imagético. No que concerne ao imagético, exploraremos as ilustrações, seus traços, cores, perspectivas, bem como efeitos de sentido na recepção das obras distribuídas pelo Itaú Cultural: “Lino” de André Neves, “O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado” de Don e Audrey Wood e “Poesia na Varanda” de Sonia Junqueira

Pode-se definir este estudo como uma abordagem qualitativa que buscará, por meio de pesquisas bibliográficas, demonstrar que a arte de contar histórias exerce papel fundamental na formação do leitor. Sobretudo, quando estas histórias solicitam a visualização de ilustrações dotadas de cores intensas e traços marcantes.

A formação do leitor pode começar desde cedo, mesmo quando a criança ainda não sabe ler convencionalmente. No caso de muitos alunos, o primeiro contato com a literatura infantil acontece na instituição escolar, pois não encontram, no ambiente familiar, momentos favoráveis à prática da leitura. Esses alunos, muitas vezes, ou não possuem leitores que lhes contem histórias infantis e/ou passam a maior parte do tempo em frente da televisão, meio de comunicação que não incentiva a leitura. A escola fica, então, incumbida de proporcionar momentos de leitura para os alunos, não somente assumindo o papel de ensinar a ler, mas também o de formar leitores:

Assim, fica claro que a escola, por ser estruturada com vistas à alfabetização e tendo um caráter formativo, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação do leitor. Outros ambientes capazes de auxiliar nessa tarefa, como o familiar, podem, eventualmente, não estar direcionados nesse sentido. Já a escola, mesmo com suas limitações, mantém-se como espaço reservado à iniciação da leitura. (SOUZA, 2004, p.63).

Mesmo não dispondo de um ambiente familiar que estimule a leitura de diversos gêneros de textos, a criança pode ser considerada um leitor em formação, devido ao fato de estar inserida em um meio letrado vinculado às práticas sociais de leitura e de escrita, por exemplo: o painel do ônibus que indica o itinerário, a lista de mercado, a receita etc.

A leitura empregada na alfabetização não deve estar focalizada apenas na decodificação de letras, pelo contrário, somente aprender a ler, decifrando os códigos da escrita, não contribui para a formação do leitor. Torna-se difícil formar leitores sem adotar como ponto de partida o conto de histórias, pois as crianças precisam, desde cedo, conviver com leitores que leiam, despertem seu prazer em ler e atuem como referencial a ser imitado.

Maria Alice Faria (2004) destaca a importância da leitura diária para formar leitores, sendo que todo final de um livro é seguido de comentários, “[...] uma leitura puxa outra e uma conversa sobre um livro sempre estimula a leitura de outro” (2004, p.58). Após a leitura, a criança emite a sua opinião sobre a história, contando os fatos que lhe agradou, resgatando as partes que mais lhe chamaram a atenção, isto é, ela acaba se posicionando perante a realidade.

A prática de leitura inserida no cotidiano escolar deve estar destinada para o prazer, isto é, proporcionar aos pequenos o gosto em conhecer e ouvir histórias, de modo a aguçar ao mesmo tempo, a imaginação, a curiosidade, a emoção, a descoberta, entre outros.

A criança está inserida em um ambiente letrado, no qual a leitura se faz presente em toda parte, seja na placa de trânsito, no folheto de mercado, anúncios, entre outros. Dessa forma, a leitura se constituiu numa prática social e num meio de comunicação.

De acordo com Eliane Aparecida Galvão R. Ferreira (2004, p.21), “[...] a leitura, ou as diferentes atividades de leitura, às vezes mais sofisticadas umas que outras, é uma ferramenta indispensável à vida em sociedade, pois está ligada às mais elementares tarefas da vida cotidiana”. Como a criança vivencia no seu dia a dia a leitura, ao ingressar na escola, a mesma fica ansiosa para aprender a ler e a escrever, fato propício para iniciá-la no mundo literário. Segundo Renata Junqueira

de Souza (1992, p.5), “[...] a infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação através da função libertatória da palavra.”

Ao contar histórias, o mediador acaba recuperando a prática social tradicional do contar e ouvir narrativas, além de se constituir em uma fonte de satisfação das necessidades básicas da criança, proporciona oportunidades de desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da comunicação, da reflexão, da descoberta e das habilidades de ouvir com atenção e compreensão. Portanto, é importante pensar na formação de leitores desde a mais tenra idade, por meio do contar histórias em sala de aula, a fim de desenvolver o comportamento leitor e democratizar a cultura:

É necessário, assim, que a criança entre em contato com os bens culturais, entre os quais aqueles conservados através da linguagem escrita. A aprendizagem da leitura é fundamental, portanto, para a integração do indivíduo no seu contexto sócio-econômico e cultural. O ato de ler abre novas perspectivas à criança, permitindo-lhe posicionar-se criticamente diante da realidade. (CATTANI; AGUIAR, 1984, p.24).

Partindo desses pressupostos, constrói-se neste trabalho a hipótese de que a contação de histórias é um dos recursos de que o mediador pode se valer, por meio de oficinas de leitura, para contribuir na formação do leitor.

Atualmente, existem programas governamentais de distribuição de obras às bibliotecas de escolas públicas. Além disso, há iniciativas privadas, como a do Itaú Cultural. Como este se utiliza de Publicidade na divulgação de seu programa de incentivo à leitura e distribuição de livros infantis, justifica-se a sua escolha como objeto de estudo.

Perante este cenário, não se pode mais aceitar passividade em relação à formação do leitor, pois há oferta de materiais para a leitura. Basta buscá-los e desenvolver um trabalho com os leitores em formação.

Vale destacar, entretanto, que embora tenhamos no Brasil políticas públicas de incentivo à leitura, bem como de distribuição de obras, nem sempre a formação do leitor se efetiva socialmente. Além disto, nosso estado oferta educação gratuita tanto para o ensino fundamental, quanto médio, períodos essenciais para a formação do leitor. Contudo, os índices revelados pelo Instituto Pró-Livro divulgou, neste semestre, a terceira edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”

(INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012), cujo intuito é medir a intensidade, forma, motivação e condições de leitura da população brasileira. Um dos questionamentos é sobre a relação do sucesso profissional com a leitura, para a qual os números demonstram a permanência de uma infeliz realidade: 47% dos entrevistados, em 2011, não conhecem ninguém a que possam atribuir o papel da leitura como motivo de sucesso profissional. Por meio desses dados, reafirma-se o fracasso generalizado da escola brasileira quanto à formação de leitores, ainda que o Estado, em todos os níveis, tenha apresentado ações significativas na última década.

Possuímos, atualmente, até mesmo iniciativas privadas, como a do Itaú Cultural que incentiva a leitura, pela distribuição gratuita de obras infantis. Mesmo assim, notamos pelos índices de desempenho dos nossos jovens em provas como ENEM e exames vestibulares que estes não possuem o hábito da leitura, o qual deveria ter sido formado na infância.

Faz-se necessário destacar que a educação pública recebe, desde 2006, livros do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, com o intuito de “[...] democratizar o acesso a obras de literatura infantis e juvenis, nacionais e estrangeiras, bem como o acesso a materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras.” (MACIEL, 2008, p.11). Todavia, nem sempre esses livros são explorados na formação do pequeno leitor.

A presença da leitura entre crianças é fundamental, pois as incentiva na formação do senso crítico. Entretanto, o hábito de leitura no Brasil caiu nos últimos quatro anos, mesmo com o governo, por meio do PNBE, assegurando acervos de livros nas escolas. Então por que os alunos andam tão desinteressados em relação à leitura?

Acredita-se neste trabalho que somente a distribuição de livros, tanto pelo Estado, quanto pelo Itaú Cultural, não é o bastante para incentivar a leitura. Antes, é necessária a exploração dos textos, por meio da oralidade e da leitura crítica. Pela contação de histórias, pode-se despertar a curiosidade do leitor iniciante e com os livros ilustrados, aguçando seus olhares de descoberta.

Objetiva-se, nesta pesquisa, refletir sobre a importância da Comunicação Social como fator facilitador da formação do leitor iniciante.

Busca-se refletir sobre o papel social da Comunicação na formação da criança como leitora crítica. Para tanto, por meio de oficinas de leitura, faremos contações de histórias infantis para as crianças da escola EMEF “Lucas Thomas Menk”, durante o período diurno. Utilizaremos, nas oficinas, textos ilustrados, sobretudo, de poesias, contos de fadas, crônicas e fábulas. Pretendemos investigar a recepção desses textos tanto em sua realização verbal, como não verbal. A partir do estudo de cores, molduras, perspectivas, luz e enquadramento, estudaremos teoricamente o que vem a ser uma ilustração, bem como se instauram seus efeitos de sentido quando associadas a um texto verbal. Em um desdobramento de nossa pesquisa, focaremos, mais especificamente, a recepção de três livros distribuídos gratuitamente pelo Itaú Cultural: na 1ª edição *A Festa no Céu*, de Angela Lago; *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque; e *Adivinha o quanto eu te amo*, de Sam Mcbratney; na 2ª edição *Lino*, de André Neves; *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Don e Audrey Wood; e *Poesia na Varanda*, de Sonia Junqueira. Na ocasião, verificaremos se as crianças apreciam essas obras disponibilizadas pelo Itaú, ainda, se pela sua leitura ampliam seus horizontes de expectativa. Voltando-nos para os princípios da Publicidade, faremos uma pesquisa sobre o Itaú Cultural, bem como sua política de leitura e distribuição de obras infantis.

Acreditamos que as questões sociais, as quais estão relacionadas com a Comunicação, merecem ser estudadas, pois permitem ao pesquisador refletir acerca da realidade em que se insere e da efetividade de direitos em nossa realidade. Além disso, acreditamos que a leitura quando mediada de forma crítica pode emancipar a criança, pois forma seu espírito crítico.

Para a consecução dos objetivos, pretende-se, neste trabalho, com base na pesquisa bibliográfica, estudar obras que relacionam a Comunicação com a Literatura, sobretudo, aprofundaremos nossos questionamentos em relação à ilustração presente em livros infantis. Faremos análises literárias das obras tomadas como objeto de estudo, focando a questão do texto verbal e não verbal em interação. Na sequência, trabalharemos, por meio de oficinas de leitura, as competências críticas, leitoras e linguísticas das crianças. Ao término, ofertaremos as obras literárias em estudo e registraremos as impressões de leitura delas.

Espera-se que o trabalho de campo assegure a formação do leitor crítico. Para tanto, partiremos da oferta de textos pertencentes ao cotidiano das crianças, como HQs, contos de fadas, cantigas de roda, parlendas, entre outras, para

chegarmos gradativamente ao texto literário ilustrado presente nas obras em questão.

Em sua estruturação, este trabalho divide-se em 2 capítulos. No primeiro, apresentamos nossas concepções acerca da contação de histórias, bem como sua importância para a formação do leitor. No segundo, a contação de histórias na escola EMEF “Lucas Thomas Menk”, tal como levantamos durante o período de observação em sala de aula.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUESTÃO

## 1. A contação de histórias

Para Betty Coelho (2009), as histórias podem ser contadas ou lidas. A contação de histórias pode ser considerada uma atividade de comunicação vocal do texto escrito, em que os contos de tradição oral foram adaptados para o público mirim e fazem parte do acervo literário infantil. Assim, justifica-se o interesse deste trabalho em abordar brevemente o surgimento do conceito de infância, pois vinculado ao de literatura infantil.

O surgimento da Literatura Infantil mantém um estreito vínculo com as mudanças que ocorreram durante o século XVIII. Com o advento da Revolução Industrial, a sociedade passou por transformações em vários setores: político, econômico, social, as quais também repercutiram no mundo artístico, entre outros. Nesse momento histórico, a burguesia entra em ascensão e concebe um novo conceito de infância, vindo romper com uma visão que concebia a criança como um adulto em miniatura, não a distinguindo do mundo adulto. Antes desse novo olhar voltado para a infância, a criança, desprovida de cuidados especiais, participava de todas as atividades desenvolvidas pelos adultos, essa negligência acabou resultando, na época, em altas taxas de mortalidade infantil.

Com a emergência da família burguesa e valorização da mesma, começa a ser propagada uma formação familiar constituída pela privacidade e voltada para a preservação do relacionamento afetivo entre pais e filhos, concedendo à criança um tratamento especial que não recebia antes. Assim, conferiram-lhe um estatuto diferenciado na sociedade e no âmbito doméstico. Esta mudança de concepção acerca da infância associou-se também à instituição de aparelhos ideológicos.

Dentro desse contexto histórico, o papel da mulher no âmbito doméstico foi reforçado, de modo que ela veio a assumir a função materna que, até então, era desempenhada pelas amas-de-leite que alimentavam e educavam os filhos da família burguesa. Porém, a privatização da família, assim como o interesse especial pela criança, não atingiu com a mesma intensidade todas as camadas sociais da sociedade. Nas classes desfavorecidas, o processo ocorreu de maneira lenta, pois os trabalhadores geralmente deixavam os seus filhos em instituições de caridade mantidas pelo Estado ou pela igreja, e o casamento e a educação das crianças não

eram vistos como uma necessidade. Essa falta de atenção e de cuidados destinados às crianças resultava em altas taxas de mortalidade infantil, de modo a prejudicar as novas indústrias que faziam uso da mão-de-obra barata e disponível.

Para ajudar na renda familiar, as crianças trabalhavam desde cedo nas indústrias e a família acabava não cumprindo o seu papel de maneira integral com a criança. A ampliação do sistema escolar, que procurou universalizar o conhecimento para qualificar a mão de obra da classe operária, e a expansão do acesso ao saber, promovido pela multiplicação dos meios de reprodução mecânica, fizeram com que aumentasse o público leitor e o número de consumidores. A escola ficou responsável pela alfabetização, assumindo o papel de ensinar a criança a ler e a escrever, inserindo-a no código da escrita para se apropriar dos bens culturais.

A leitura será então patrocinada pela burguesia para que as obras do mercado cultural sejam consumidas e os valores assimilados. Dessa maneira, a literatura infantil passa a ser usada pela Pedagogia para alcançar os seus objetivos, transmitindo normas e valores, assumindo traços educacionais, em detrimento de sua função artística e estética, “[...] tornando-se prioridade das motivações educativas sobre as literárias”. (BAUMGARTNER apud ZILBERMAN, 1984, p.12).

Alguns acreditam que a leitura se resume na decodificação dos sinais linguísticos, até mesmo porque, ao assumir o papel de ensinar a ler e a escrever, a escola muitas vezes proporciona ao aluno uma leitura que se limita à emissão de voz.

Para Souza (1992, p.2), a leitura é um processo abrangente que não se restringe somente ao ato de decodificar sinais, pois ao realizar uma leitura, o leitor atribui sentido ou significados de acordo com a sua bagagem cultural. De modo que a leitura realizada nunca será a mesma, ela será compreendida pelos leitores de maneira diferente, até mesmo quando o próprio leitor lê mais de uma vez a mesma obra, isso porque cada um irá atribuir um sentido a algo escrito ou não, de acordo com as circunstâncias, com as experiências pessoais, o modo como enxerga a realidade, entre outros aspectos.

Segundo Maria Helena Martins (2007, p.32), “[...] a leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele”. O leitor deixa de ser um mero decodificador de sinais linguísticos e receptor passivo ao atuar no mundo

em que vive e estabelecer relações com outras pessoas. Todos esses fatores influenciam na hora da leitura “[...] porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor” (MARTINS, 2007, p.33). De modo que, a leitura não ficará somente no plano da escrita, ela irá englobar diversas linguagens.

Poucas crianças têm a oportunidade de conviver desde cedo com a literatura infantil, mesmo fazendo parte de uma sociedade letrada. A escola passa então a se constituir num ambiente privilegiado para a formação de leitores, pois insere as crianças no mundo literário, oferecendo-lhes o contato com diversos tipos de texto. Mas nem sempre é isso que acontece, pois, na maioria das vezes, o livro didático é o único material de que o professor faz uso para iniciar e promover a leitura:

[...] o ambiente escolar, pela própria estrutura curricular, medeia em maior quantidade textos de informação do que textos literários. Essa é uma atitude equivocada, pois ambos os textos deveriam estar presentes com a mesma intensidade no cotidiano do aluno. (ALMEIDA JUNIOR; BORTOLIN, 2009, p.210).

Mesmo não se limitando ao conceito de decodificação de sinais gráficos, a escola trabalha essa definição de leitura, sendo raros os momentos direcionados à leitura por prazer que concede ao aluno a compreensão da realidade. Quando a criança entra em contato com a leitura, essa se remete de maneira obrigatória ao texto extraído do próprio livro didático que, por sua vez, traz textos literários incompletos, fragmentados e acompanhados de questionários.

Souza (2004, p.63) relata que é imprescindível que o pequeno leitor em formação tenha contato com livros de caráter estético, pois concede à criança a oportunidade de vivenciar a história e sentir as emoções, acionando a imaginação e a capacidade de ter uma visão reflexiva e crítica da realidade, algo não possibilitado pelo livro didático.

Segundo Zilberman (1984, p.21), a criança quando aprende a ler não se torna necessariamente uma leitora. A instituição escolar, conforme a autora, tanto pode ajudar como atrapalhar na formação do leitor. No primeiro caso, a escola transforma o aluno habilitado à leitura em um leitor. No segundo, pode haver um afastamento da criança da leitura e até mesmo dos livros. Esse fracasso pode estar relacionado

com a alfabetização insatisfatória recebida pela criança e/ou com as experiências didáticas que ela anseia esquecer.

## **2. A contação de histórias como necessidade**

A necessidade de contar histórias é antiga, sempre esteve presente na vida do homem, talvez tenha aparecido com o próprio homem, pois o mesmo procurou responder aos mistérios da vida, através da criação dos mitos. “Sempre criamos mitos, contos, religiões e ciência em busca de desvelar nossa existência.” (RADINO, G. 2003, p.56). Essa arte, transmitida de geração para geração, acabou se incorporando à nossa cultura. No dia a dia, as pessoas criam histórias ou recontam aquelas que ouviam de seus pais ou avós quando eram crianças. Este fato permite ao ouvinte entrar em contato com a herança cultural, isto é, possibilita a apropriação do conhecimento acumulado pela humanidade, o qual foi elaborado por seus antepassados. Dessa forma, ele entra em contato com o passado, vive o presente e imagina o futuro.

Segundo Diana Corso e Mário Corso (2006), os contos de fadas que hoje conhecemos são originários das narrativas populares europeias que circulavam entre os adultos. Os camponeses medievais se reuniam em volta do fogo e narravam histórias sobre questões do dia a dia, os medos que os afligiam, os fenômenos da natureza, poderiam ser apenas um meio que os ajudavam a atravessar as longas noites de inverno. As narrativas da tradição oral sobreviveram através dos tempos, porém algumas ganharam novas versões, como é o caso dos contos de fadas que foram sendo transformados em versões modernas a partir do século XIX, quando a infância passou a ter importância social.

Os contos de fadas que, desde muitos anos, deixam as crianças fascinadas foram coletados na Europa, por Perrault, no fim do século XVII e pelos irmãos Grimm, no início do século XIX, e registrados por escrito. A fonte de seus contos era a literatura popular oral.

A princípio, os contos foram escritos para o público adulto, porque antes do século XVII ainda não existia o conceito de infância. Somente, durante o século

XVIII, os contos sofrem algumas alterações e adaptações de acordo com a sociedade e a cultura em que estavam inseridos.

Os causos e as lendas indígenas também perpetuam até hoje na memória do brasileiro. Pertencentes ao folclore do povo, essas narrativas de tradição oral que são transmitidas de geração a geração, como por exemplo, saci pererê, fazem parte do repertório das histórias infantis que foram recontadas não somente pelo escritor Ricardo Azevedo, mas por muitos outros.

Com o surgimento da nova estrutura familiar, composta por pai, mãe e filhos, em que aparece um novo olhar acerca da infância, a escola fica responsável em ensinar a ler e a escrever, porém a instituição se vê sem materiais destinados ao público infantil para auxiliar na alfabetização das crianças. Assim, “[...] os contos de fadas tornam-se literatura infantil, justamente, por serem relatados brevemente, de forma ágil e com uma linguagem simples, acessível à criança. Além disso, sua estrutura corresponde às necessidades infantis”. (RADINO, 2003, p.69). Para atender ao novo público, procurou-se, então, adequar os textos que eram escritos a partir da narração popular oral à educação, realizando adaptações pedagógicas aos contos.

Pode-se deduzir, desse modo, que o acervo de livros infantis que hoje temos em mãos foi constituído a partir de literaturas já existentes que faziam parte da tradição oral do povo.

### **3. O Itaú Cultural**

A ausência de acervos não justifica mais a dificuldade de leitura, pelo menos, no Estado de São Paulo que conta com programas governamentais, como PNBE, Biblioteca em sua casa, entre outros.

Além destes, temos, hoje, a iniciativa do Itaú Cultural, que distribui livros gratuitamente a partir dos pedidos feitos pelo site: <http://ww2.itaub.com.br/itaucrianca/index.htm>.

Em setembro desse ano, essa iniciativa do Itaú teve sua segunda edição, em cada uma delas foram disponibilizados três livros infantis em um kit. O objetivo do projeto é criar uma corrente de leitura entre pais, parentes, amigos e professores, ou

seja, para todos os que têm convívio com crianças. A ideia é que as pessoas, que receberem o kit, repassem estes livros para outros assim que lerem e relerem as histórias para suas crianças.

As obras já distribuídas desde a primeira edição são: *A festa no céu*, de Angela Lago; *Adivinha o quanto eu te amo*, de Sam McBratney; *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque; *Lino*, de André Neves, *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Don e Audrey Wood; e *Poesia na Varanda*, de Sonia Junqueira.

Todo o projeto do Itaú Cultural pode se resumir no seu próprio slogan: "Leia para uma criança – Histórias ajudam no aprendizado e no desenvolvimento infantil."

#### **4. Os interesses literários**

Para Vera Teixeira Aguiar (1984, p.86), a criança precisa ter contato com diferentes tipos de texto e descobrir o prazer da leitura desde cedo, antes mesmo de saber ler. Nesse momento, é importante a participação da família na formação do hábito de leitura. Porém, por mais que seja fundamental a atuação dos pais, é sobre a professora que a família deposita suas expectativas de iniciar a criança no mundo literário. Situação que se configura historicamente pelo fato da escola ser responsável pela alfabetização da criança e assumir a formação educativa posterior. Cabe, então, ao docente inserir o aluno no sistema de escrita, incentivar o gosto pela leitura para que seja desenvolvido o hábito de ler, indicando e oferecendo diversos livros de acordo com as preferências e interesses de cada leitor.

Outro ponto a ser destacado é a variedade de livros que o mercado editorial dispõe. Se, num primeiro momento da história, não existiam livros voltados para o público infantil brasileiro, hoje, há no mercado literário publicações diversas de obras infantis. Souza (1992) afirma que, na fase de formação do gosto de ler, os materiais oferecidos pela indústria cultural podem contribuir como também podem prejudicar a geração de leitores e chama a atenção para a relação criança-livro, a qual deve ser intermediada: "Respeitar os interesses é fundamental para o surgimento de indivíduos que, através da leitura, possam se consolidar como seres no mundo".

(SOUZA, 1992, p.11). Portanto, é preciso considerar alguns critérios na hora de selecionar os livros, como a busca por textos de qualidade, escritos em uma linguagem simples, que despertem a imaginação, a curiosidade, permitindo a reflexão acerca da realidade, entre outros fatores.

Segundo Souza (1992, p.8), para formar um leitor é preciso atender aos seus interesses literários de acordo com a faixa etária, o sexo e o contexto social em que está inserido. Frente a essa ideia, diversos pesquisadores procuraram estudar as variáveis ou fatores que estão envolvidos na preferência literária das crianças pequenas que estão em processo de iniciação.

Entre os diversos indicadores que auxiliam na hora de selecionar uma história para a contação, Bety Coelho (2009, p.14) destaca os interesses predominantes em cada faixa etária e, ainda, ressalta que a história escolhida pelo narrador precisa ter um assunto interessante, com qualidade literária, capaz de despertar a imaginação por meio de uma linguagem simples “sem ser vulgar nem rebuscada”. Coelho também aponta que não podemos delimitar com rigor a idade dos leitores por determinados temas.

A seguir apresentamos um quadro de indicadores, elaborado por Coelho, que orienta a seleção das histórias, conforme os interesses literários de cada faixa etária:

Pré-escolares	Até 3 anos: fase pré-mágica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados).</li> <li>• Histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.).</li> <li>• Histórias de fadas.</li> </ul>
	3 a 6 anos: fase mágica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de crianças, animais e encantamento.</li> <li>• Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade.</li> <li>• Histórias humorísticas.</li> </ul>
Escolares	7 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de fadas com enredo mais elaborado.</li> <li>• Histórias humorísticas.</li> </ul>
	8 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de fadas com enredo mais elaborado.</li> <li>• Histórias humorísticas.</li> </ul>
	9 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de fadas com enredo mais elaborado.</li> <li>• Histórias humorísticas.</li> </ul>

**Figura 1 – Interesses de leitura, conforme idade (apud COELHO, 2009, p.14).**

Como se pode notar pelo quadro, Nelly Coelho considera as seguintes fases no desenvolvimento infantil:

**1) Fase Pré-mágica:** na qual se recomenda para os pré-escolares histórias com enredo simples, atraente e vivo que contemplem situações próximas do real, histórias que se aproximem das relações que as crianças mantêm com outras pessoas, com os objetos, os animais e com o meio. Isso permite a elas vivenciarem os enredos como se estivessem no lugar em que os fatos narrados ocorrem.

**2) Fase mágica:** momento em que a criança pede para contar várias vezes a mesma história. Ao ouvir pela primeira vez a história tudo é novo para ela, já nas seguintes, ao saber dos acontecimentos, a criança pode apreciar com mais detalhes o enredo e se identificar mais ainda.

No primeiro momento dessa fase, que se estende até, mais ou menos, os sete anos, a criança tem interesse por histórias curtas, que possuem um mínimo de texto, enredo reduzido, expressões repetidas. Já no segundo período, elas preferem histórias de animais domésticos, de circo, zoológico, enredos que tenham alimentos, nuvens, festas, entre outros. Ao apresentar uma linguagem mais evoluída, a criança solicita do leitor histórias com enredos mais longos, há então uma “ampliação de conhecimentos” (COELHO, 2009, p.16), a qual permite maior variedade de assuntos.

**3) Idade escolar:** os alunos dos 2º e 3º anos que ainda não dominam a leitura gostam de histórias da faixa anterior, interessando-se pelos contos de encantamento. Após essa fase, “os contos de fadas com enredo mais elaborado e longo trecho ocuparão a imaginação dessas crianças” (COELHO, 2009, p.18). Leituras de lendas e fábulas também são recomendadas para os alunos.

As crianças precisam ser motivadas a ouvir histórias com narrativas longas e de conteúdo extenso. O professor conta os episódios mais interessantes aos alunos, dando-lhes a oportunidade de conhecerem “o gênero fascinante das viagens e aventuras, que correspondem aos anseios naturais do pré-adolescente, inquieto e sonhador”. (COELHO, 2009, p.19).

Coelho (2009, p.19) chama a atenção para o fato da relação entre idade-interesse/desinteresse, não podemos “engessar” a idade em que a criança e os adolescentes deixam de preferir certos temas. Podemos, muito bem, adaptar as histórias que foram indicadas para uma classe para a outra turma.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ESCOLA

## 1. A recepção de obras com as crianças

No primeiro semestre deste ano, observei, na escola Lucas Thomaz Menk, dentro de sala de aula, as técnicas de contação de histórias das professoras dos terceiro e primeiro ano do ensino fundamental – etapa I.

Mesmo quando estas acontecem, apenas, por meio da voz das mediadoras que leem as histórias sem utilizarem fantasias ou adereços, os alunos se prendem ao relato. Algumas fazem uso da dramatização e empregam recursos na contação, tais como: emprego de fantoches, de roupas cênicas que remetam aos personagens principais das histórias, por exemplo: o lobo mau contando sua versão da história, além da estimulação da própria criança em ilustrar parte da história ouvida e recontá-la da forma que entendeu.

Outra forma de contação é a que estimula a criança a recriar a história com um final diferente. Nesse tipo de atividade, todas as crianças ajudam na remontagem, os alunos falam os fatos da nova vida da personagem com relação à vida atual, por exemplo: “E a menina, o lobo mau e a vovó foram assistir à novela.”

Isso mostra a forma como as crianças recriam o mundo fantasioso, associando-o ao mundo que as cerca.

Essas técnicas de contação de história dão o acesso à interação, colocando a criança em confronto consigo mesma para distinguir o real do imaginário. Dentre as habilidades desenvolvidas pela criança, através do que houve nas histórias, são destacados alguns aspectos como: caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico e disciplina.

Durante o ano, as crianças, além de terem contato com a biblioteca e a “Leitura de Fruição”, feita todos os dias em sala de aula, receberam um livro para a leitura obrigatória em cada semestre que, dependendo da metodologia da professora, podia ser lido em sala com todos ou em casa, junto dos pais.

Antes de iniciar o trabalho com a coleção Itaú, desejei ter esse primeiro contado com a sala de aula como contadora. Pude notar, durante a leitura diária com textos indicados pela profissional da sala, como os pequenos recebem essas leituras.

Entre as histórias que apresentei para os pequeninos, escolhi os contos de fadas dos irmãos Grimm – “Rumpelstiltskin”, “A Branca de Neve”, “Cinderela”, “Os músicos de Bremen” –, e os contos de outros autores do mesmo gênero. Não utilizei outra técnica além da leitura verbalizada dessas obras originais. Também explorei “A Cigarra e a Formiga”.

As formas como as crianças reagem a estas histórias são bem dinâmicas e interativas, claro que algumas sempre se dispersam. Mas, no geral, elas querem realizar reflexões acerca das personagens e comentarem o enredo.

A escola tem, como incentivo para as crianças, o Projeto de Leitura, que este ano teve início no dia doze de agosto, como grade para os alunos do período da manhã e opcional para os alunos do período da tarde:

SALA DE LEITURA – Cronograma Semanal					
Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7h20 às 8h10	5º B	5º E	Turma A (7h30 às 9h30)	Turma B (7h30 às 9h)	--
8h10 às 9h00	4º C	5º A			--
9h00 às 9h50	5º C	--		Turma C (9h15 às 10h45)	--
10h10 às 11h00	5º D	4º E	3º A		--
11h00 às 11h50	4º A	4º D	3º B	--	4º B



Fotos: Contagem de *Poesia na Varanda* com o aplicativo.



Fotos: professora da sala de Leitura contando história, com duas atividades: redesenho da história e quadro de satisfação. Momento das crianças com o livro escolhido por elas.

## 2. O trabalho com o acervo do Itaú Cultural

No segundo semestre, trabalhei com as crianças os livros do acervo do Itaú Cultural. Para os livros da primeira edição – *A Festa no Céu*, de Angela Lago; *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque; e *Adivinha o quanto eu te amo*, de Sam Mcbratney –, as contações foram feitas, por meio do emprego de adereços, tais como: fantasias, fantoches, desenhos e pintura de rosto.

Antes da leitura, explorei a capa, suas ilustrações, bem como suas cores, indagando às crianças sobre o que imaginavam que havia dentro do livro. Também, enalteci o título, buscando levar as crianças a antecipar, por meio dele, o conteúdo da história. Assim, elas criavam hipóteses que deveriam ser avaliadas ao final da leitura, como válidas ou não, ou ainda, parcialmente válidas.

Após as leituras, solicitei que realizassem debates sobre o conteúdo e levantamentos de dados comprovadores ou não de suas hipóteses. Em seguida, pedi que se expressassem livremente acerca do texto, por meio da criação de desenhos associados ao enredo.

Também, solicitei o reconto das histórias pelas crianças, por meio da dramatização com o uso de fantoches ou da representação teatral, em que os alunos assumiam o lugar dos personagens.

Já para os livros da segunda edição, usei o Aplicativo do Itaú Criança referente aos livros dessa edição. Esse Aplicativo móbil, lançado pelo *Itaú Criança*, dá uma força para tornar esta tarefa ainda mais divertida. O aplicativo disponível para *Android* e *iOS*, traz sons, ilustrações, animações e máscaras relacionadas às histórias da coleção, apenas de 2ª edição: “Lino”, de André Neves; “O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado”, de Don e Audrey Wood, e “Poesia na Varanda”, de Sonia Junqueira.

Ele também reúne três ferramentas que enriquecem a leitura para crianças. As Ferramentas são: “Anima Livro”, a qual permite que as crianças interajam com as ilustrações dos livros da Coleção Itaú 2012; “Máscaras Divertidas”, que faz com que as palavras do leitor de histórias saiam da boca de personagens, como o Lobo Mau, a Princesa Encantada, o Sapo e o Mago, e por fim, a “Engenhoca de Sons”, a qual

traz diferentes trilhas e efeitos sonoros que podem ser usados para enriquecer a leitura de qualquer história infantil.

### **Ficha Técnica – Aplicativo**

**Diretor de Criação:** Francesc Petit, Rafael Urenha, Viktor Busch

**Criação:** Viktor Busch, Silvio Amorim, Bruno Brazão, Cauê Gottardi

**Produtor Gráfico:** Marcos Moura

**Arte finalistas:** Alexandre Alcantara, Vladimir Araujo, Anderson Santos e Pablo Felix

**Retoque de Imagens:** Marcelo Colono, Marceo Reis e Cesar Bonfim

**Art Buyer:** Sylvio Mello, Marcia Granja e Brenda Mayra.

**Gestão de projeto:** Daniel Martins, Fernanda Estessi e Marina Mello

**Produtora de Som:** Bamba

**Desenvolvimento:** Commit

**Ilustrações:** Technoimage, Estúdio Onze e Paulo Dias

**Responsável no cliente:** Eduardo Tracanella, Juliana Cury e Adriana Gregorio

**Responsável na agência:** Elvio Tieppo, Ana Coutinho, Danielle Bacha e Anelise Reis

### **Ficha Técnica – Anúncio**

**Diretor de Criação:** Francesc Petit, Rafael Urenha

**Criação:** Silvio Amorim, Bruno Landi

**Produtor Gráfico:** Marcos Moura

**Arte finalistas:** Alexandre Alcantara, Vladimir Araujo, Anderson Santos e Pablo Felix

**Retoque de Imagens:** Marcelo Colono, Marceo Reis e Cesar Bonfim

**Art Buyer:** Sylvio Mello, Marcia Granja e Brenda Mayra.

**Ilustrações:** Technoimage

**Responsável no cliente:** Eduardo Tracanella, Juliana Cury e Adriana Gregorio

**Responsável na agência:** Elvio Tieppo, Ana Coutinho, Danielle Bacha e Anelise Reis

(Fonte: <http://www.adnews.com.br/tecnologia/livro-infantil-ganha-vida-em-aplicativo-do-itaú>, 2013).

Imagens associadas ao aplicativo:



## 2.1 Itaú Criança

Como afirma a Instituição com o folheto (Anexo 1) entregue junto dos livros: “Ler é um hábito que pode se formar desde o berço” (2012). Afinal de contas, o hábito da leitura é tão importante quanto ensinar a ter higiene e alimentação saudável e, claro, quanto mais cedo iniciarmos as crianças na leitura, melhor.

De acordo com o artigo 4 do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), em seu Art. 4º: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à

vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

Os responsáveis pelas crianças ao compartilharem de leituras com seus filhos, netos, sobrinhos, entre outros, resguardam esse direito. Como afirma o Itaú, eles acreditam no valor da leitura, por isso incentivam esse hábito por meio dos livros distribuídos que têm histórias selecionadas para as crianças terem esse gosto de ler desde cedo.

Neste mesmo folheto, eles informam maneiras de incentivar esse gosto pela leitura com os seguintes tópicos:

- Organize seu tempo e leia para uma criança: separe uma parte do seu tempo exclusivamente para ler. Mostre que esse momento é só de vocês e que a atenção está toda voltada para a leitura e para a própria criança.
- Deixe a criança sentir os livros: deixe os livros sempre à disposição da criança, para que ela possa explorá-los e compreender como são utilizados. A criança deve se familiarizar com eles antes mesmo de começar a ler. Sentir, tocar, faz parte do aprendizado.
- Leia a história em vez de contá-la: ler um texto em voz alta garante o acesso da criança ao universo da escrita, diferentemente de quando contamos ou dramatizamos uma história. Valorize a leitura e evite improvisos. Aproveite a oportunidade para apresentar novas palavras às crianças. Lendo é que se aprende a ler.
- Valorize o livro: os livros infantis são ricos não só em relação ao texto, mas também as ilustrações e aos projetos gráficos. Revele esses recursos para a criança, permita que ela desenvolva seus gostos e preferências pessoais.
- Permita à criança expressar-se enquanto você lê: durante a leitura, pode ser que a criança comece a falar sobre a história, demonstrando curiosidade e interesse. Deixe-a expressar-se livremente. Esse envolvimento torna a leitura mais significativa.
- Convide pessoas de diversas faixas etárias para ler: a leitura pode ser compartilhada por várias gerações. É uma ótima oportunidade para a troca de experiências.

No site <http://www.itaucrianca.com.br>, 2013, encontra-se a informação: “Conheça o App Itaú Criança e mude o jeito de ler livros para crianças: Mais do que um aplicativo, um aliado na hora de ler para uma criança. Baixe gratuitamente o App Itaú Criança e leia para uma criança como você nunca leu antes”. Neste aplicativo aparecem os seguintes itens:

- Engenhoca de sons: efeitos sonoros para vários tipos de histórias.

- Máscaras divertidas: onde mostra cinco tipos de máscaras, que representam a boca de personagens, como princesa, sapo, cavaleiro, lobo e mago.
- Anima livro: onde mostra partes interativas dos livros da segunda edição.

Pode-se ler, ainda, neste folheto a seguinte afirmação: “[...] as crianças de hoje educarão outras crianças amanhã. São 18 milhões de crianças e adolescentes de 0 a 15 anos que definirão o futuro do país daqui a 30 anos. Por isso, são importantes os modelos em que se espelham na infância: adultos que se importam com elas, que lhes transmitem valores, que contribuem para sua educação”. Afirma-se, ainda: “Para cuidar do presente e do futuro das crianças dependemos de um importante personagem: você”.

Anexo 1: folheto.



### Ler é um hábito que pode se formar desde o berço

Estimular o hábito da leitura é tão importante quanto ensinar a tomar banho, comer, escovar os dentes. E quanto mais cedo começar, melhor. Quando você lê para uma criança, está mostrando um caminho cheio de possibilidades tanto para sua vida pessoal como social. Ela se encanta com a narrativa e com sua atitude de leitura e assim começa a criar um forte e agradável vínculo com os livros. Não faz mal se ainda não compreende toda a história, até porque está conhecendo a língua escrita. Nesse momento, o que importa é despertar na criança o amor pela leitura.

### Aprenda a ensinar o gosto pela leitura

- 1. Organize seu tempo e leia para uma criança**  
Separe uma parte do seu tempo exclusivamente para ler. Mostre que esse momento é só de vocês e que a atenção está toda voltada para a leitura e para a própria criança.
- 2. Deixe a criança sentir os livros**  
Deixe os livros sempre à disposição da criança, para que ela possa explorá-los e compreender como são utilizados. A criança deve se familiarizar com eles, antes mesmo de começar a ler. Sentir, tocar, faz parte do aprendizado.
- 3. Leia a história em vez de contá-la**  
Ler um texto em voz alta garante o acesso da criança ao universo da escrita, diferentemente de quando contamos ou dramatizamos uma história. Valorize a leitura e evite improvisos. Aproveite a oportunidade para apresentar novas palavras à criança. Lendo é que se aprende a ler.
- 4. Valorize o livro**  
Os livros infantis são ricos não só em relação ao texto mas também às ilustrações e aos projetos gráficos. Revele esses recursos para a criança, permita que ela desenvolva seus gostos e preferências pessoais.
- 5. Permita à criança expressar-se enquanto você lê**  
Durante a leitura, pode ser que a criança comece a falar sobre a história, demonstrando curiosidade e interesse. Deixe-a expressar-se livremente. Esse envolvimento torna a leitura mais significativa.
- 6. Convide pessoas de diversas faixas etárias para ler**  
A leitura pode ser compartilhada por várias gerações. É uma ótima oportunidade para a troca de experiências.

### Ler: mais que um prazer, um dever

O adulto que compartilha uma leitura com a criança está resguardando o direito dela à educação, à cultura e também o mundo à sua volta, a se conhecer, se expressar e se comunicar com os outros. O Itau acredita no valor da leitura. Por isso incentiva esse hábito tão saudável por meio da Coleção Itau de Livros Infantis, que traz histórias especialmente selecionadas para as crianças aprenderem a gostar de ler desde cedo.

### Coleção Itau de Livros Infantis

Compartilhe essas três histórias com as crianças, estimule o gosto delas pela leitura, depois acesse o site [www.itau.com.br/itaurianca](http://www.itau.com.br/itaurianca) e conte-nos como foi sua experiência.

## 1. Atividades com as crianças.



**Desenhos:** Como é o urso da história de *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* (atividade feita)?



**Desenho:** Você e o Ratinho da história *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* .

## Conclusão

Despertar nas crianças o prazer pela leitura e, assim, formar leitores críticos não é uma coisa fácil, afinal prender a atenção desses ouvintes se torna cada vez mais difícil com as tecnologias de entretenimento de hoje.

O nosso projeto ao focar o Itaú Criança, nota que este tanto oferta distribuição de livros, quanto oferece uma forma de interação entre texto e imagem, e som e movimento.

Este trabalho permitiu-nos refletir sobre a importância da Comunicação Social como fator facilitador da formação do leitor iniciante. Para isso, por meio de oficinas de leitura, fizemos contações de histórias infantis para as crianças da escola EMEF “Lucas Thomas Menk”, durante o período diurno e vespertino.

Utilizamos, nas oficinas, os livros distribuídos pelo Itaú Criança em sua segunda edição: *Lino*, de André Neves; *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Don e Audrey Wood; e *Poesia na Varanda*, de Sonia Junqueira.

Pudemos observar a recepção com esses textos tanto em sua realização verbal, como não verbal, e as reflexões das próprias crianças, como: “[...] *em nenhum momento o urso apareceu, tia*”.

Verificamos que as crianças apreciam essas obras disponibilizadas pelo Itaú, pela leitura feita seus horizontes de expectativa foram ampliados e também a procura por essas obras no ambiente escolar.

Voltando-nos para as questões sociais, as quais estão relacionadas com a Comunicação, refletimos sobre a realidade em que se inserem essas crianças e a efetividade de seus direitos. Além disso, acreditamos que a leitura quando mediada de forma crítica pode emancipar a criança, pois forma seu espírito crítico.

Buscamos com o trabalho de campo assegurar a formação do leitor crítico. Para tanto, partimos da oferta de textos pertencentes ao cotidiano das crianças, como HQs, contos de fadas, cantigas de roda, parlendas, entre outras, para chegarmos, gradativamente, ao texto literário ilustrado presente nas obras em questão. Desse modo, observamos que o slogan “Leia para uma criança, isso muda o mundo!”, de fato é válido.

Em um desdobramento desta pesquisa, analisaremos no próximo trabalho as estratégias de layout utilizadas nas obras que compõem o acervo do Itaú Cultural em sua segunda edição.

## Referências Bibliográficas

LAGO, ANGELA - A Festa no Céu: um Conto do nosso folclore / Angela Lago; [ilustrações e tradução da autora]. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005. – (mundo Colorido).

BUARQUE, CHICO. 1944 - Chapeuzinho Amarelo / Chico Buarque; ilustrações de Ziraldo. – 27ª ed. – Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2011.

MCBRATNEY, SAM - Adivinha o quanto eu te amo / Texto de Sam McBratney; ilustrações de Anita Jeram; [tradução Fernando Nuno]. – 3ª ed. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

NEVES, ANDRÉ. Lino / [texto e ilustrações] André Neves – São Paulo: Callis Ed., 2011.

WOOD, DON. 1945 - O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado / texto de Audrey e Don Wood: ilustrações de Don Wood: tradução: Gilda de Aquino.-- 2. Ed. – São Paulo: Brinque-Book, 2012.

JUNQUEIRA, SONIA. Poesia na Varanda / texto Sonia Junqueira: ilustração Flávio Fargas. – 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ABRAMOVICH FANNY. Ouvindo histórias. In: \_\_\_\_\_. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997, p.16-24.

\_\_\_\_\_. Trabalhando com a apreciação crítica. In: \_\_\_\_\_. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997, p.140-148.

AGUIAR, Vera Teixeira. **A formação do leitor**. São Paulo: Unesp, 2004.

CAMARGO, Luís H. de. *Poesia infantil e ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles. 214 p. Dissertação de Mestrado pela Universidade estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 1998.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. 34 Edição. São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 77-92.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.

CATTANI, M. I.; AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura no 1º grau: A proposta dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina (org.) et al. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p.23-35.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Metodologia aplicada ao estudo da literatura**. In: Metodologia do trabalho intelectual. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1994

ECA. Disponível em: <[http://eca.claretianas.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=53&Itemid=57](http://eca.claretianas.br/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=57)>. Acesso em: 11 set. 2012.

ECO, Umberto. **Sobre literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FARIA, VITÓRIA L. B. Memórias de Leitura e Educação Infantil. In: SOUZA, R. J. (org.) et al. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p.50-59.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2006.

FERREIRA, E.A.G.R. **A leitura dialógica e a formação do leitor**. Assis: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2004, p.20-32. Dissertação (Mestrado) - UNESP.

\_\_\_\_\_. **Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de "uma biblioteca vivida"**. Assis: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2009, p.407. Tese (Doutorado) - UNESP.

FITTIPALDI, Ciza. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008, p. 93-121.

GIROTTI, C. G. G. S. ; SOUZA, R. J. A Hora do Conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, R.J. (org). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p.19-45.

MARTINS, M. H. Ampliando a noção de leitura. In: \_\_\_\_\_. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007, p.22-35.

PNBE. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12368&Itemid=575](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=575)>. Acesso em: 11 set. 2012.

QDIVERTIDO. Contos Chapeuzinho Vermelho. Disponível em:  
<<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=1>>. Acesso em: 23 março 2010.

RADINO, GLÓRIA. Fantasia, alimento da alma. In: \_\_\_\_\_. **Contos de Fadas e Realidade Psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 35-61.

SOUZA, R.J. (org). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p.205-218.

\_\_\_\_\_. Leitura e Alfabetização: a importância da poesia infantil nesse processo. In: \_\_\_\_\_. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p.62-76.

STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. 3.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães; NETO, Alfredo Copetti. **Direito e Literatura: Reflexões Teóricas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

ZILBERMAN, R. O Estatuto da Literatura Infantil. In: ZILBERMAN, R; MAGALHÃES. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. São Paulo: Ática, 1987, p.3-24.